

MODERNIDADE E PERSONAGEM FEMININA NA CONTÍSTICA DE GUIOMAR TORRESÃO

Bianca Gomes Borges MACEDO*

- **RESUMO:** O presente trabalho apresenta uma análise da representação da personagem feminina, a preceptora Miss Mary, no conto “Idílio à inglesa” publicado na coletânea homônima em 1886, de Guiomar Torresão. Na Antologia do Conto Realista e Naturalista (2000), Maria Saraiva de Jesus cita a obra de Torresão, destaca o subtítulo do livro, “Contos Modernos”, e comenta a evidência do volume como uma “viragem para o que era considerado moderno na época” (De Jesus, 2000). Os temas da instrução e da profissão contribuirão para as reflexões sobre o modo como a escritora buscava uma ruptura com os moldes patriarcais e conservadores impostos às mulheres na sociedade oitocentista. A desafetação da linguagem, os efeitos cômicos e a falta da expressão sentimental da preceptora irlandesa em “Idílio à inglesa” nos conduzirão como elementos norteadores na discussão a respeito do afastamento da estética romântica e um diálogo intenso com o realismo-naturalismo na escrita de Guiomar Torresão.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Guiomar Torresão. Contos Modernos. Personagem feminina. Idílio à inglesa. Século XIX.

INTRODUÇÃO

A educação no espaço doméstico, antes um privilégio dos nobres, torna-se comum nos lares das famílias abastadas a partir do século XVIII. A prática decorre até o século XIX quando algumas famílias preferem que a educação dos seus filhos ainda seja feita sob a vigilância da mãe e do pai.

O modelo educacional domiciliar contou com profissionais que atuavam no ofício de preceptor. O termo vem do latim *præceptore* (Valle, 2004, p. 580 apud De Santana, 2022, p. 57) e significa que aquele sujeito “ministra preceitos ou instruções, aio, mestre, mentor; Professor encarregado da educação de criança no lar” (Ferreira, 2010, p. 1694 apud De Santana, 2022, p. 57). Não apenas homens, mas mulheres instruídas, inclusive, que precisavam prover a sua subsistência, se

* UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras – Departamento de Estudos de Literatura. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20550-900 – biannca.mac@gmail.com

tornavam profissionais responsáveis pela orientação pedagógica de jovens das famílias abastadas.

No artigo *Emilia Snethlage (1868-1929): uma naturalista alemã na Amazônia*, Miriam Junghans explica como as mulheres atuavam na função de preceptoras e cita as palavras da historiadora Michelle Perrot (1993): “a atuação das mulheres como preceptoras ou governantas, no século XIX, era uma opção profissional para as filhas das elites empobrecidas ou da burguesia intelectual e lhes concedia certa liberdade, acompanhada no entanto por uma identidade social ambígua” (Perrot, 1993, p. 169 apud Junghans, 2008, p. 244). Essa ambiguidade era produzida devido ao conservadorismo patriarcal que ainda regia a conduta feminina oitocentista, pois considerava que as mulheres não deviam trabalhar. Estavam destinadas à esfera privada. A cidade não era um espaço de circulação feminina, portanto, o fato delas viajarem sozinhas e desacompanhadas pelo continente as deixava desprotegidas e vulneráveis. Mesmo a justificativa da subsistência como único objetivo para estarem fora dos seus lares não impedia comentários maldosos sobre as profissionais.

Destinadas ao casamento, no espaço do lar, as moças abastadas recebiam uma educação baseada nos padrões morais tradicionais cujo objetivo era prepará-las para a primordial função da mulher: ser esposa. No artigo *Uma mulher educada no oitocentos: a escrita feminina no Diário da Viscondessa de Arcozelo*, Maria Celi Chaves Vasconcelos (2015) menciona que uma “boa” educação para as mulheres abrangia: “[...] o ensino da escrita, leitura e contas (para a contabilidade doméstica), ensinamentos de português e francês prioritariamente, seguidos de caligrafia, literatura, composição, religião, música, piano, solfejo, canto, gramática portuguesa, latina e francesa” (Vasconcelos, 2015, p. 121-122). O gênero feminino era estigmatizado e considerado incapaz para conhecimentos ditos masculinos como a matemática, a álgebra, a física, a lógica, a geografia, o desenho, a história, entre outros.

A contratação de preceptoras estrangeiras era uma preferência na educação doméstica, pois parte da sociedade oitocentista rejeitava o idealismo português e cultuava as referências culturais, artísticas e políticas europeias. Miss Mary é uma preceptora irlandesa no conto “Idílio à inglesa” (1886) escrito por Guiomar Torresão.

O conto foi publicado no volume *Idílio à inglesa – Contos modernos* (1886) e, mais tarde, reproduzido na obra *Antologia do Conto Realista e Naturalista*, de Maria de Jesus Saraiva (2000). Essa publicação dá destaque ao subtítulo do livro de Guiomar, “Contos Modernos”, e comenta a evidência da “viragem para o que era considerado moderno na época” (De Jesus, 2000, p. 25). Inclusive, menciona que Guiomar Torresão se iniciou no Romantismo e passou a seguir inclusive o Realismo e o Decadentismo. As observações quanto ao conto pontuam como a autora reforça “o magistério da escola realista, na desafetação da linguagem e nos efeitos de surpresa” (De Jesus, 2000, p. 26).

Guiomar Torresão

Guiomar Torresão é uma escritora portuguesa que nasceu em Lisboa, no dia vinte e seis de novembro do ano de 1844. A menina talentosa, mas desafortunada, não teve acesso à preceptoras e nem mesmo a uma educação formal. É provável que D. Maria do Carmo Inácia Pinto de Noronha, a sua mãe, tenha lhe ensinado as primeiras letras como era de costume nas famílias burguesas da época. Sem dúvidas, a inteligência e a capacidade intelectual da jovem a tornaram uma autodidata. Graças a isso, Guiomar proveu a sua existência e se tornou “chefe de família” dando aulas de instrução primária e de francês após a morte prematura do seu pai, Joaquim José de Noronha Torresão.

Torresão teve uma vida profissional com “febril atividade” (Almeida, 1987, p. 76). Ela foi uma verdadeira polígrafa, atuando como romancista, tradutora, dramaturga, jornalista, ficcionista, poetisa, ensaísta, cronista, crítica e editora. Fundou o *Almanaque das Senhoras* em 1871 e esteve à frente da direção do periódico até o ano da sua morte (1898). Guiomar deixou uma vasta produção literária, dentre elas: *Uma Alma de Mulher* (1869), *Rosas Pálidas* (1873), o romance histórico *A Família Albergaria* (1874), *Meteoros* (1875), *O fraco da baronesa: comédia original em um ato* (1878), *A comédia do amor* (1880), *No teatro e na sala* (1881), prefaciado por Camilo Castelo Branco, *Idílio à Inglesa* (1884), *Paris – impressões de viagem* (1888), *As batalhas da vida* (1892), *Educação Moderna: comédia em três atos* (1894), *Flávia* (1897), *A grande velocidade: notas da gare* (1899). Não à toa, na obra *Escritoras de Portugal*, Thereza Leitão de Barros deu o título de “operária das letras” (Barros, 1924, p. 210) à literata.

O conto “Idílio à inglesa”

Raul é o protagonista do conto. Ele estuda Medicina e vai visitar a família quando se apaixona por Miss Mary, a preceptora da sua irmã Lila. Os fatos são narrados por Raul através das cartas destinadas e enviadas ao amigo Carlos.

O desânimo do rapaz para retornar a sua terra natal ganha um novo sentido. Ele conta em sua primeira carta a Carlos:

Meu querido, o homem põe, e Deus ou o Diabo, dispõem.

Se tu soubesses o novo aspecto que tomou aos meus olhos esta quinta, quase tão velha como o mundo, esta aldeia, pouco maior do que a nossa aula, estas montanhas cor de greda e estes tanques de um verde sujo, povoados de rãs e de sanguessugas!...

O teu assombro não conhecerá limites, quando eu te confessar que cheguei a perfeição de olhar, sem repugnância, para o lobinho do boticário e para a careca

do padre prior, que me divirto na companhia das Pedrozas, aquelas três contemporâneas do dilúvio que usam anéis no fura bolos, e que aos domingos jogo a manilha com o tabelião, o administrador e a avozinha, a qual adormece de vez em quando, deixando-me em *tête-à-tête* com a asma do tabelião e o catarro crônico do administrador¹ (Torresão, 1886, p. 5-6).

O jovem rapaz admite que desperta para um novo olhar. Com outros olhos ele enxerga o ambiente, e também as pessoas que lá vivem. Agora, Raul é capaz de suportar os dias e de tolerar tudo que o cerca. Assertivo quanto ao espanto do amigo em relação ao seu comportamento, ele revela:

Amigo, a Providência tem desígnios ocultos: quando eu amaldiçoava as férias, a quinta de Santo Antônio, a aldeia a que elas me condenavam, mal pensava encontrar um anjo cujo olhar azul transformou o inferno no paraíso. Não te rias, e ouve-me.

A Lila veio esperar-me ao pinhal: logo que comecei a descer a azinhaga dos choupos e a avistei de longe, notei que a acompanhava uma senhora muito elegante, de chapéu de palha, véu azul, cabelos loiros, e andar leve como o pisar de uma alvéola.

A Lila correu direita a mim, e sem me deixar apertar, deitou-me os braços ao pescoço. A senhora do véu azul ficou parada no meio da azinhaga, e com uma voz que resou ao meu ouvido com a pureza de um timbre, chamou minha irmã, e, em inglês, a rir, deixando ver dois fios de dentes brancos como pequenos alfajores, chamou-lhe imprudente (Torresão, 1886, p. 6).

Miss Mary é a mulher loira e de olhos azúis descrita por Raul. Na visão do rapaz, ela é um anjo que faz da quinta um paraíso. A descrição de Miss Mary narrada na voz de Raul aponta para a tradição na representação do feminino trazendo o mito romântico da mulher-anjo. Desse modo, ele a aproxima da figura de Maria, ligada ao imaginário ocidental de matriz cristã. No estudo *Imagens do Feminino: fantasias e fantasmas*, Paula Mourão (2003) comenta quanto a essa configuração da imagem do feminino presente na representação de mulheres em obras escritas por autores portugueses:

A partir das escassas referências que lhe são feitas nos Evangelhos sinópticos, os autores foram desenvolvendo uma biografia simbólica de Maria, atribuindo-lhe traços de que a iconografia largamente dá conta; salientemos a virgindade conservada depois da concepção e da maternidade, que a institui como figura para-

¹ A ortografia foi atualizada de acordo com o Acordo Ortográfico praticado no Brasil para tornar o texto legível aos leitores contemporâneos.

doxalmente sem corpo, ou sem corpo de desejo, a que o dogma da assunção dá sentido - pois o seu corpo, ascendendo ao céu depois de morto, escapa à mortal condição de se tornar putrefacto, evidência do humano. Virgem, mãe, mulher recolhida a um segundo plano e a uma discreta presença, ela configura o acolhimento maternal, a consolação, o papel de intermediária entre Terra e Céu, e ainda outros traços que o tempo e o desenvolvimento textual e iconográfico vão consolidando. [...] Na figura de Maria, e na sua associação à escada celeste pela qual se atinge o alto em que está Deus, radicam pois os traços femininos de uma polaridade salvadora, maternal, de sentido ascensional, [...] (Mourão, 2003, p. 226)

Uma reflexão a respeito das palavras de Mourão faz notar a mudança de perspectiva em relação ao conto escrito por Guiomar, objeto de análise neste estudo. Ela conduz ao distanciamento da autora da estética romântica. Torresão escreve um personagem masculino que admira e vê o modelo de mulher romântica angelical ao se deparar com Mary. É o olhar de Raul sobre as características físicas da irlandesa, entretanto, o risível surge ao se observar a função social que ela ocupa. Sua função de preceptora distoa do apego romântico conservador e tradicional idealizado para o feminino.

Ainda assim, a quinta é o mesmo lugar rural visto por Raul sob o aspecto de antiquado e habitado por tipos que ele descreve de forma pejorativa. Ele ainda se incomoda com o jeito daquela gente. O rapaz desabafa:

O que me faz ferro são as catureiras da avozinha. Por mais que eu puxe pelo bigode, ela julga que sou o mesmo Ru-ru, que lhe pedia pechinchas. Às vezes, no meio de uma poesia, quando eu, suspenso dos olhos azuis de Miss Mary, recito Guerra Junqueiro, João de Deus ou Victor Hugo, a avozinha levanta-se da cadeira, e dobrada ao meio, muito trêmula, os olhos cheios de lágrimas, vem meter-me uma trouxa de ovos na boca! E chama-me menino, sabes? O papá interroga-me frequentemente acerca dos nossos professores na escola médica; pergunta-me pelo Sousa Martins, pelo Thomaz Carvalho... Eu descrevo-lhe as lições do Thomaz de Carvalho, o jeito característico que ele tem de limpar os óculos para nos vibrar depois, através do cristal da lente, um olhar agudo e fino como uma lanceta; conto-lhe os deliciosos apartes do Sousa Martins, que rebentam no árido campo da ciência patológica como um fresco e capitoso ramilhete de rosas... (Torresão, 1886, p. 8-9)

Raul fica constrangido com o tratamento que a avó dispensa a ele. A situação é pior porque Mary presencia tudo. A senhora o trata como se ele ainda fosse a mesma criança com quem ela conviveu. Ele quer impressionar Mary e não fica à vontade. No entanto, suas investidas são vistas pela família e o que Raul escreve

para Carlos faz perceber que os parentes notam o comportamento cômico do rapaz:

A atenção que Miss Mary me dispensa põe-me asas na boca, transmite as minhas palavras à arrebatadora eloquência de Cícero.

O papá ri e esfrega as mãos; a mamã esconde a comoção em cima da costura; a avozinha duplica o fornecimento das trouxas de ovos; as Pedrozas deliram e fazem gestos com as mãos carregadas de aneis; o administrador afoga-se no pigarro; a asma do tabelião assobia como uma locomotiva, e o Danúbio deita-se de barriga para o ar (Torresão, 1886, p. 9).

O interessante na narrativa é como Torresão faz uma inversão no jogo dos sentimentos românticos quando os escreve em um personagem masculino que estuda medicina. Raul, apesar de investir em conhecimento científico, demonstrase elevado pela sentimentalidade, enquanto a jovem preceptora segue focada em sua atividade profissional, sem ceder às investidas de Raul. Ele vê a sua “inalterável tranquilidade” (Torresão, 1886, p. 7) e declara: “Intimida-me o seu ar sério, a sua gravidade puritana, a pureza mística do seu olhar, no fundo do qual se lhe vê a alma branca como um lírio” (Torresão, 1886, p. 10).

A profissão de preceptora

As declarações de Raul não expõem como a execução de uma tarefa no ambiente doméstico em troca de dinheiro traz uma névoa de suspeita na relação remunerada das preceptoras. Na década de 40, os discursos sobre a situação dessas profissionais eram calorosos e giravam em torno das “relações domésticas que envolviam a questão de gender, classe e natureza do trabalho, servindo também, muito claramente, de alerta à ameaça em que a preceptora estava se transformando” (Monteiro, 1998, p. 1). Neste caminho, havia a confusão da imagem da preceptora relacionada com a da solteirona ou a prostituta e adensou pelo alerta “contra a aventureira que esperava fisgar um marido e uma posição de valor” (Martineau, 1860, p. 269 apud Monteiro, 1998, p. 1). As profissionais contavam com a desconfiança dentro mesmo dos domicílios onde exerciam seu ofício.

Embora com um cotidiano permeado por um discurso negativo era perceptível a importância do exercício do trabalho dessas profissionais nos lares oitocentistas. Na obra *Minha história das mulheres*, Michelle Perrot (2007) aponta: “Nas famílias aristocráticas ou abastadas, preceptores e governantas ministram suas lições em domicílio e tudo depende de sua qualidade, não raro bastante boa. As meninas aprendem a equitação e as línguas estrangeiras, principalmente francês e inglês” (Perrot, 2007, p. 94).

A figura da preceptora conduzia a educação pedagógica dando orientação social e moral aos filhos das senhoras e, segundo Monteiro (1998, p. 1): “Por agir dentro de um ambiente refinado, próprio de uma *lady*, era necessário que a preceptora, como substituta da mãe, fosse uma *gentlewoman*”. O termo em inglês *gentlewomen* remete ao tempo de Shakespeare² e definia que moças e senhoras eram de famílias de tradição, bem nascidas, educadas e finas (Rodrigues, 2011, p. 4). Talvez seja esse o motivo de Raul associar um esteriótipo de frieza à Mary ainda mais por acreditar que a nacionalidade dela é inglesa. Ele comenta em uma passagem da sua carta:

Entristece-me às vezes, um pouco, a sua frieza... mas convenço-me que é assim que se namora em inglês.

Miss Mary é natural de Dublin, exatamente onde há mais frio.

[...]

É um temperamento esquisito o destas mulheres do norte, amassadas com leite e neve! (Torresão, 1886, p. 10).

Pensar na instrução como a fonte da autonomia de Miss Mary é necessário, pois foi um meio condutor ao trabalho remunerado de mulheres dentro do quadro de condições muito precárias para as jovens que não conseguiam o acesso à educação. Nesse modelo, embora de outra nacionalidade que não a sua, Torresão mostra a possibilidade da emancipação feminina com base na profissão.

Nota-se a indiferença que a preceptora tem com o Raul. Ele não se declara e, mesmo se o fizesse, não teria um consentimento, pois a moça já era comprometida. O rapaz justifica o comportamento da moça devido ao estereótipo que julga da nacionalidade dela reforçado pela sua “inalterável tranquilidade, a suavidade dos seus gestos e do seu andar” (p. 7) e ainda “o seu ar sério, a sua gravidade puritana, a pureza mystica do seu olhar” (p. 10).

É interessante percebermos que Torresão não escreve personagens femininas suspirando por amor nessa narrativa. A escritora divide o enredo com cartas e uma cena dramática no final do conto. Desse modo acompanhamos a sua paixão pela irlandesa. Devido ao dito perfil frio da preceptora, Raul a define como de origem inglesa. A partir da ridicularização dos excessos do apaixonado, da iludida e exagerada imaginação do jovem e da sua tentativa de suicídio, a contista dá um efeito cômico à narrativa. Reparemos nesse trecho:

De repente, larguei o livro, devorado de curiosidade de saber a impressão que lhe produzira. Miss Mary deixara cair a cabeça no peito, a sua bonita cabeça loira, que

² Poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare (1554-1616).

o sol, coado pelas agulhas dos pinheiros, dourava, envolvendo-a em uma espécie de nimbo: toquei-lhe no ombro, ela não se mexeu; inquieto, chamei-a, e só então percebi que a minha formosa inglesa adormecera (Torresão, 1886, p. 11).

A atitude de Raul causa tédio em Mary. A falta de expressão sentimental da preceptora em relação aos seus cortejos não é entendida pelo rapaz. A imaginação iludida do jovem o faz entender que Mary tem um jeito de amar inglês, por isso, ele a percebe como uma mulher fria. Guiomar traz à narrativa um protagonista que romantiza tudo a sua volta a partir do efeito de uma exacerbada paixão.

A modernidade na contística

Na obra *Sobre a modernidade*, Charles Baudelaire (1996) critica as representações de mulheres nas artes de G. que teve “a tarefa de buscar e explicar a beleza na Modernidade” (Baudelaire, 1996, p. 67). Conforme o teórico, G. as representou “muito enfeitadas e embelezadas por todas as pompas artificiais, seja qual for o meio a que pertençam” (Baudelaire, 1996, p. 67). Na contística de Guiomar as personagens femininas não seguem esse modelo. Lila é a “imprudente” (Torresão, 1886, p. 6). Ela fez festa ao bigode do irmão quando ele chegou. A menina nunca incomodava o Raul porque quase sempre estava “a correr atrás das borboletas e do Danúbio” (Torresão, 1886, p. 10).

A descrição inocente de Lila não impede a lembrança de que a menina tem como destino o casamento. A análise parte de uma ocasião comentada por Raul:

À noite, veio toda a velha guarda: o tabelião, o administrador e o Henrique Leal, o filho do morgado da Feitosa, um pedante que fala à gente do alto de um colarinho apertado e duro como a coleira de um cão, deixando cair as palavras em tom de oráculo. A Lila embirra com ele, evita-o, e quando o pretencioso lhe dirige a palavra, cora, baixa os olhos, não responde e volta-lhe as costas. A Lila está uma senhora; se não fosse minha irmã e se não existisse Miss Mary, é provável que me apaixonasse por ela (Torresão, 1886, p.7-8).

O comentário de Raul a respeito da irmã não apenas demonstra a vulnerabilidade do rapaz às mulheres, mas explica que a menina já desperta o interesse masculino. Fica claro que Lila é cortejada por Henrique Leal e que o fato não desperta interesse na jovem, ao contrário, a incomoda. Vale destacar que a educação destinada à Lila não previa que a moça se tornasse autônoma. Ela tinha o nome da família a zelar e o casamento era o seu destino. No século XIX, a divisão das funções sociais entre os gêneros feminino e masculino estabelecia que a educação das mulheres garantisse a manutenção do lar por boas esposas e mães.

Todavia o universo apresentado no conto em questão aborda uma personagem com posição profissional na sociedade oitocentista. Dessa forma, os excessos do comportamento de Raul são ridicularizados e se intensificam mais quando pensamos na representação da preceptora enquanto uma mulher trabalhadora. Apesar do espaço privado em que está inserida, Miss Mary se distancia do modelo ideal de mulher imposto pelo patriarcado na Modernidade. Porém Raul deseja a manutenção da função social tradicional da mulher e esboça o seu pensamento ao idealizar o casamento com a sua amada Mary:

O futuro ilumina-se a meus olhos... Que felicidade, meu Carlos, que felicidade!... Formar-me, chamarem-me o sr. dr. Raul Trigueiros, arrancar à morte a humanidade enferma, e arrancar à pobreza, à condição mercenária de mestra de meninas, esta encantadora rapariga, digna de assentar-se em um trono, cujas pequeninas mãos macias e brancas eu quereria constelar de brilhantes (Torresão, 1886, p. 13).

O conto não comporta apenas um gesto cômico do rapaz, mas também a perpetuação da “violência simbólica” (Bourdieu, 2014, p. 12). Raul perpetua a dominação masculina sobre o corpo feminino. Na sociedade patriarcal e conservadora em que vive, ele conserva a ideologia masculina de que as mulheres devem exercer a função de esposa e mãe. No livro *O patriarcado do salário*, Silvia Federici (2021) define a família como a “institucionalização de nosso trabalho não assalariado, de nossa dependência não assalariada dos homens [...]” (Federici, 2021, p. 33). A função doméstica conserva a família e garante o *status quo* feminino na função de submissão e servidão.

Nas intenções de Raul, Mary não mais exercerá a profissão, pois será a sua esposa. O desejo do rapaz denuncia a posse masculina sobre a vida das mulheres. No presente, Mary tem autonomia com o seu ganho financeiro, mas o exercício da profissão pela preceptora é visto como uma “condição mercenária” (Torresão, 1886, p. 13) por Raul. Pode-se considerar a fala do personagem em tom de denúncia do preconceito sofrido pelas mulheres que exerciam uma profissão. Mulheres que desempenham um ofício e provêm a sua subsistência são atacadas pela misoginia.

A estética realista-naturalista na contística

Outro aspecto pertinente na relação entre Raul e Mary faz pensarmos, novamente, nas palavras presentes na obra *Antologia do conto realista e naturalista* (2000). A representação da realidade narrada por Raul ao amigo Carlos demonstra a crítica dos costumes vividos na quinta de Santo Antônio. O conto de Torresão tem “o elenco temático e as estratégias literárias do Realismo” (De Jesus, 2000, p. 19) e fazem a narrativa extrapolar, “até certo ponto, as restrições impostas pela unidade

de categorias requerida idealmente pelo gênero” (De Jesus, 2000, p. 19). Ainda de acordo com a teórica:

Assim, algumas personagens secundárias vêm contracenar com a personagem central, para representarem com certa amplitude o espaço social. A crítica de costumes pressupõe um ligeiro aumento de situações de índole social e uma maior utilização do aspecto verbal frequentativo e iterativo. A descrição de personagens e cenários, pela sua capacidade de provocar o efeito do real, torna-se mais utilizada. A ação, o espaço e o tempo são, por isto, menos concentrados do que o são noutros períodos literários (De Jesus, 2000, p.19).

O narrador de “Idílio à inglesa” representa de forma realista os costumes do seu tempo, assim, Guiomar demonstra a sua intenção crítica e não moralizante como se esperava de uma escrita feminina. Nesse caminho a desafetação com a linguagem é um importante contributo. A autora entende que deve acompanhar as leis morais da sociedade, mas ela manifesta certa liberdade ao representar um personagem masculino de forma cômica nesta contística.

Na obra *Ironia e humor na literatura*, Lélia Parreira Duarte (2006) discute o conceito de ironia. Em um trecho, a autora diz:

Em qualquer de suas formas, a ironia será uma estrutura comunicativa. De fato, nada pode ser considerado irônico se não for proposto e visto como tal; não há ironia sem ironista, e este será alguém que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida (Duarte, 2006, p. 19).

A ironia está presente no epílogo que Guiomar escreve para o conto. Esta figura retórica serve à literatura na busca por “um leitor que não seja passivo, mas atento e participante, capaz de perceber que a linguagem não tem significados fixos e que o texto lhe pode apresentar armadilhas e jogos de enganos dos quais deverá, eventualmente, participar” (Duarte, 2006, p. 19). Tratar do plano elaborado por Raul é necessário para o entendimento do desfecho.

Raul executa o seu plano para se declarar à Miss Mary. Sem coragem de falar sobre os seus sentimentos com a preceptora, ele elabora um plano que denomina “engenhoso” (Torresão, 1886, p. 13). Ele explica em mais uma carta ao amigo Carlos:

Ontem... meti uma lança em África! Peguei com as duas mãos na minha coragem e escrevi-lhe! Não sei bem o que lhe disse... O sangue latejava-me nas fontes,

o coração pulava-me no peito... Gastei um caderno de papel, e escrevi apenas uma folha.

Indignava-me contra a pobreza da palavra humana, um mísero alfabeto incapaz de reproduzir este sentimento que me devora, sentimento grande como o infinito, profundo como o oceano. Uma carta parecia-me pouco: queria dedicar-lhe um poema e ir cantá-lo à noite debaixo da sua janela, a sombra das laranjeiras em flor, à luz diáfana das estrelas, acompanhado pela música etérea e alada de uma harpa eólica...

Ela viria então, como as belas castelãs medievais, encostar-se pensativa no varandim, coberto pelo véu transparente do luar, enviando de longe, nas pontas dos dedos, um casto beijo ao pajem que morria de amor, ajoelhado na sombra... Em vez da serenata, tal qual o meu coração a fantasiava, disse-lhe em prosa e sem música que a amava, meti na carta uma folha de hera, onde escrevi, com o bico de um alfinete: «*je meurs ou je m'attache*», e para não entregar o meu nome as eventualidades a que tinha de sujeitar a expedição, assinei: «Constante Leal.» (Torresão, 1886, p. 12-13).

Talvez Raul fosse bem sucedido em seu plano se não tivesse escolhido a pasta de desenho da Lila como a caixa de correio para a postagem das cartas destinadas à Mary. Ele sabia que a preceptora olhava a pasta da menina todas as manhãs antes da lição e daí partiu a sua grande ideia.

Raul não teve resposta das cartas que enviou para a amada, todavia, não parou de fazer planos futuros com a amada. Confessa que enviou três ou quatro cartas à Mary. Mais confiante, uma noite ele se comporta de forma mais ousada. Conta ao amigo:

Ontem à noite, depois de lhe ouvir a sonata de Beethoven, e de ter admirado mais uma vez a pureza mística do seu perfil britânico, que poderia servir de modelo a Ary Scheffer, o pintor das celestes e loutas formosuras, assentei-me ao lado de Mary, curvei-me e disse-lhe ao ouvido: «*je meurs ou je m'attache*», o símbolo da hera, que eu tinha metido na carta (Torresão, 1886, p. 14-15).

A reação de Mary foi de espanto e é cômica a justificativa de Raul ao explicar a ação da moça após a sua investida:

Mary abriu os olhos, os seus grandes olhos límpidos, fitou-me por um segundo, e sem me dizer nada foi reunir-se ao grupo das Pedrozas e do Henrique Leal, em torno do qual a Lila saltitava, rindo como uma louquinha da careca do prior e dos cachuchos das Pedrozas.

Não te admires; repito-te que em inglês é assim que se namora (Torresão, 1886, p. 15).

Raul realmente acreditava na sua capacidade de sedução para que Mary não resistisse a ele. Em nenhum momento o rapaz hesita entre a crença que Mary tem algum sentimento por ele ou que ele não desperta o interesse da moça.

Raul se mostra ainda mais esperançoso na relação amorosa com Mary quando percebe que o seu pai e a moça estão no escritório. O choro da preceptora e algumas frases ditas por ela e pela mãe dele fazem o rapaz concluir:

Mas que necessidade tinha eu de ouvir, se o meu coração compreendera logo as primeiras palavras?... Tratava-se do nosso futuro, da nossa projetada união, e a minha noiva tremia e chorava, patenteando, pela vez primeira, o amor que desabrochava na sua alma como uma flor rara, oculta até então pelos sagrados véus do pudor virginal...

Meu amigo, enlouqueço! A vida é decididamente um paraíso, sempre que houver na terra uma mulher como Mary, e um homem digno de amá-la e ser por ela amado como o teu Raul (Torresão, 1886, p. 16)

O rapaz tem a certeza da realização dos seus anseios e parece que tudo que idealiza corresponde a sua conduta de dignidade enquanto homem. Durante todo o enredo, ele exerce uma posição de dominante que ocupa no espaço social (Bourdieu, 2014, p. 94) demarcado pela tradição portuguesa. Raul tem um olhar sobre Mary que a objetifica e a torna sua propriedade. Ele faz planos futuros e constrói uma vida para a moça sem se preocupar com a vontade e os sentimentos dela.

O fim da ilusão de Raul

Raul não realiza nada do que deseja e planeja. Ele descobre que a sua amada é noiva. Miss Mary parte para Dublin deixando Raul a ponto de cometer suicídio. A última parte do conto, em forma de epílogo, revela a ironia que o destino preparou para Lila, Raul e Henrique.

A cena 1ª e última é descrita:

(O doutor Raul Trigueiros, um pouco calvo, lê, encostado em um *fauteuil*, a *PATOLOGIE INTERNE* de Niemeyer, e fuma um charuto. Lila adormece nos joelhos um *baby* louro, que te chama mamã. Henrique Leal lê o *Diário Ilustrado*, e de vez em quando levanta-se para ir beijar os cabelos do *baby*, encaracolados e luminosos como fios de oiro.) (Torresão, 1886, p. 18).

Sabe-se da passagem do tempo na narrativa porque Raul já assina como o Doutor Raul Trigueiros e Lila está casada com Henrique Leal. O casal tem um bebê.

Lila pergunta ao marido a respeito das primeiras cartas que o homem escreveu para ela. Ao invés de Henrique responder à esposa, ele apenas a questiona sobre que

cartas ela estaria falando. A mulher insiste e responde que são as cartas da pasta, porém, o marido a interroga novamente. Segue o diálogo entre eles:

LILA: – Faz-te de novas! As cartas com letra disfarçada, assinadas pelo Sr. Constante Leal...

HENRIQUE: – (Dando uma gargalhada e tomando-te o pulso). Oh! filha! Tu estarás doente?...

LILLA: – (Formalizando-se). E a folha de hera? «*Je meurs ou je m'attache?*» Já o Sr. se envergonha de ter escrito a sua mulher!...

HENRIQUE: – Não envergonho, não, mas juro pelos deuses do Olimpo, compreendendo Vênus e Cupido, que nunca te mandei nenhuma folha de hera... (Torresão, 1886, p. 18-19).

Lila tem a confirmação de que as cartas que leu não foram escritas pelo seu marido. Raul, irmão dela, escolheu o mesmo sobrenome do cunhado para assinar as cartas como Constante Leal. Um erro que pode ter induzido e levado a sua irmã para os braços de Henrique Leal. Lila leu as cartas que estavam em sua pasta e despertou um novo olhar para aquele que já a cortejava. Um “jogo de enganos” (Duarte, 2006, p. 19) que faz a moça cair em uma armadilha produzida pelo irmão covarde.

Uma conclusão que conta com os “efeitos de surpresa” (De Jesus, 2000, p. 26) que Torresão escreve para os personagens.

Raul ouve toda a conversa entre a irmã e o cunhado. Ele “(Deixa cair a PATHOLOGIE INTERNE, e no fumo do charuto, que desenha no ar uma espiral azul, vê-se saltitar um *blue devil*, que ri às gargalhadas, assobiando o «*god save the queen*»)” (Torresão, 1886, p. 19).

Guiomar traz o riso na frustração da expectativa de Lila e de Raul. Sua escrita contística moderna mostra que Lila foi uma leitora que acreditou confiadamente em uma resposta, mas percebeu a incongruência entre isso e o que obteve na realidade.

Raul é cômico, por isso, risível. Ele se frustra na pretensão de que Mary corresponda ao seu olhar amoroso. Ao descobrir que a sua irmã leu as cartas destinadas à preceptora, o rapaz tem uma alucinação. A descrição realista marcada pelo manual de medicina que cai da mão do doutor acompanha a aparição de origem inglesa e, não à toa, surge um demônio que ri e assobia o hino em homenagem à rainha do Reino Unido, Elisabeth II. Todas as referências remetem ao erro de Raul quanto à nacionalidade de Miss Mary e ao seu engano para a concretização de um idílio à inglesa.

Considerações finais

A moderna narrativa de Guiomar Torresão apresentou um contexto familiar rural no qual os pais conservam a preferência pelo modelo de educação doméstica para a filha Lila. A escolha não revela apenas a distinta posição social da família, mas também o pensamento de que a escola não era vista como um local apropriado para as meninas conforme dizia a tradição patriarcal e conservadora oitocentista.

Entretanto, a leitura do conto de Guiomar não deve ser feita por um leitor passivo. Perceber as estratégias da autora para propor novas perspectivas as suas leitoras é importante. Por isso, analisamos a representação da personagem Miss Mary no enredo.

A preceptora entra no enredo e desperta a paixão de Raul, o filho mais velho que visita os pais e a irmã. O efeito cômico que a escritora cria com o rapaz apaixonado e imaginativo provoca o riso dos leitores. Com maestria, a ironia dos enganos e a situação jocosa não deixam de lado os elementos de denúncia da ideologia masculina misógina através da criação de um protagonista que se ilude com a conclusão das suas próprias impressões diante de uma mulher trabalhadora e que cumpre o exercício do seu ofício.

Torresão estava atenta ao grande desenvolvimento que os contos realistas e naturalistas receberam em meados do século XIX. Portanto, os valores portugueses arraigados são trazidos à narrativa de forma cômica através de uma escrita realista-naturalista e de uma linguagem desafetada. O olhar romântico de Raul por sua amada cuja descrição remete a uma figura angelical contrasta com o caminho do rapaz, estudante de Medicina. O futuro doutor vê a quinta de Santo Antônio como um lugar atrasado, mas ele mesmo ainda conserva princípios que não condizem com um homem que deseja ser moderno.

Conclui-se, por fim, que Guiomar Torresão experimentou outras formas de escrita e acompanhou o seu tempo seguindo os traços das escolas literárias do realismo-naturalismo, demonstrando engenho na arte das letras.

MACEDO, B. G. B. Modernity and female character in Guiomar Torresão's tale. *Itinerários*, Araraquara, n. 59, v. 1, p. 211-226, jul./dez. 2024.

■ **ABSTRACT:** *This paper presents an analysis of the representation of the female character, the governess Miss Mary, in the tale "Idílio à inglesa" (Contos Modernos), published in the collection of the same name in 1886, by Guiomar Torresão. In the Anthology of Realistic and Naturalistic Short Stories (2000), Maria Saraiva de Jesus cites Torresão's work, highlights the book's subtitle, "Contos Modernos", and comments on the volume's evidence as a "turn toward what was considered modern at the time" (De Jesus, 2000). The themes of education and profession will contribute to reflections*

on how the writer sought to break with the patriarchal and conservative molds imposed on women in nineteenth-century society. The disaffection of language, the comic effects, and the lack of sentimental expression of the Irish governess in “Idílio à inglesa” (Contos Modernos) will guide us as guiding elements in the discussion regarding the departure from romantic aesthetics and an intense dialogue with realism-naturalism in Guiomar Torresão’s writing.

■ **KEYWORDS:** *Guiomar Torresão. Modern Tales. Female character. Idílio à inglesa. 19th Century.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Julia Lopes de. Guiomar Torresão. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.) e ALAMBERT, Zuleika (coment.). **A Mensageira - Revista literária dedicada à mulher brasileira** (ed. fac-similar). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987, p. 73-76, v. II.

BARROS, Thereza Leitão de. **Escritoras de Portugal**. Lisboa: Tipografia de António O. Artur, 1924, v. II.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Organização de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

DE JESUS, Maria Saraiva. **Antologia do conto realista e naturalista**. Porto: Campo das Letras, 2000.

DE SANTANA, Marco Antonio. Preceptoría como espécie de educação doméstica: contribuições interpretativas da literatura de Mário de Andrade. **Póiesis Pedagógica**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão, Catalão, n. Publicação contínua, p. 49-60, 2022.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2006.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021.

JUNGHANS, Miriam. Emilia Snethlage (1868-1929): uma naturalista alemã na Amazônia. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 243-255, 2008.

MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. **Fragmentos**: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, n. 1, p. 61-71, 1998.

MOURÃO, Paula. Imagens do feminino: fantasias e fantasmas. **Românica**: Revista de literatura da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, n. 12, p. 223-237, 2003.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. O complexo da elegância. **Colóquio de moda**, v. 7, p. 1-12, 2011.

TORRESÃO, Guiomar. “Idílio à inglesa”. In: **Idílio à inglesa (Contos Modernos)**. Lisboa: Livraria Ferreira, 1886, p. 5-19.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Uma mulher educada no oitocentos: a escrita feminina no Diário da Viscondessa de Arcozelo. **Educ@**: Revista Educação em Questão da Fundação Carlos Chagas, Natal, n. 39, p. 104–131, 2015.

